
ENUNCIÇÃO

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA UFRJ

A respeito da essência da ação

Gilvan Fogel*

“Agitar-se não é agir”
(Guimarães Rosa, *Minas Gerais*, em *Ave Palavra*)

Resumo: O ensaio procura esclarecer a compreensão de ação como “consumação de uma essência”. *Essência*, aqui, está dizendo *força*, possibilidade e então, também, *um mundo*. A forma ou estrutura da vida como salto, circularidade e afeto(*páthos*)*contra* a estrutura sujeito x objeto, agente x ação, *ou* ativo *ou* passivo. *Elemento (médiu)* *contra* sujeito x objeto, causa x efeito, agente x ação. Ação desde e como *deixar ser, escuta e espera*. Ação como *passagem* (P. Klee: “nem submeter-se servilmente, nem dominar subjugando, *apenas* mediar, inter-mediar, *deixar ser*”).

Palavras-chave: Ação, salto, circularidade, afeto, elemento, escuta, espera, passagem.

Zusammenfassung: Der Aufsatz versucht das Handlungsverstehen als “das Vollbringen eines Wesens” (M. Heidegger) zu erklären. *Wesen*, hier, sagt *Kraft*, *Möglichkeit* und also auch *eine Welt*. Die Form oder Struktur des Lebens (= Dasein) als Sprung, Zirkel und Affekt (*Páthos*) *gegen* die Struktur Subjekt x Objekt, Tun x Täter, *entweder* Tun (aktiv) *oder* Leiden (passiv). Element (*médiu*) *gegen* Subjekt x Objekt, Tun x Täter. Handeln (Aktion) als *Seinlassen*, *Hören und Warten*. Handeln (Aktion) als *Vermittlung (Durchgang)* — (P. Klee: “Weder dienen noch herrschen, *nur vermitteln*”, in *Das bildnerische Denken*).

.Stichworten: Handeln, Sprung, Ziekel, *páthos*, Element, Hören, Warten, *Durchgang (Vermittlung)*.

I

1. Martin Heidegger abre seu escrito, intitulado *Sobre o Humanismo*, desta maneira:

De há muito que ainda não se pensa, com bastante decisão, a essência do agir. Só se conhece o agir como a produção de um efeito, cuja efetividade se avalia por sua utilidade. A essência do agir, no entanto, está em con-sumar. *Con-sumar*

* Professor Titular da UFRJ.

quer dizer: conduzir uma coisa ao sumo, à plenitude de sua essência. Levá-la a essa plenitude, *producere*.¹

Se, desde há muito, não se pensa a essência, isto é, o modo próprio de ser, do agir, então, como, desde há muito, *pensa-se, imagina-se* ser a essência ou o modo próprio de ser do agir, da ação? Em outros termos: como, desde há muito, subentende-se mal e então se *mal-entende* a ação? Como se vê ou se pensa in-essencialmente a ação? Heidegger diz: “Só se conhece o agir, o fazer, como a produção de um efeito, cuja efetividade (“realidade”, *Wirklichkeit*) se avalia por sua utilidade.” Mas como é, como se dá isso, realmente?

Digo, por exemplo: eu penso. Ou: eu escrevo. Nisso há, está dita uma ação. Onde estaria o erro, o desvio, o mal-entendido ou a in-essencialidade da ou na formulação e respectivamente do/no entendimento ou sub-entendimento?

Justo em assim dizer: *eu* penso, *eu* escrevo. O erro, o desvio está na evidência incrustada, segundo a qual um acontecimento, uma transformação ou uma ação *precisa* ser o resultado ou o efeito de uma causa, de um sujeito (no caso, um *eu*), isto é, de um agente sub- ou pré-existente, que seria ou estaria por *trás* da ação, *antes* e *fora* da ação, como algo já dado, feito, pronto ou acabado — enfim, como sujeito, agente ou causa. Na verdade, presente e atuante está a interpretação, melhor, a convicção ou a crença de que todo e qualquer dar-se ou acontecer, toda e qualquer *coisa*, dá-se ou acontece, *precisa* dar-se ou acontecer segundo a estrutura: *ou* fazer *ou* sofrer; *ou* ativo *ou* passivo.

O enunciado (eu penso, eu escrevo) aponta para uma estrutura, segundo a qual toda e qualquer alteração, modificação ou transformação supõe este *algo* autor (sujeito, causa, agente) *e* (+) um outro *algo*, no qual é modificado, alterado, transformado. Segundo este esquema, que passa a ser a fôrma ou a bitola de toda ação e de todo acontecer, dar-se ou suceder, o autor (sujeito, causa, agente) pratica a ação como se fora o absoluto *dono* (autor! senhor!) da ação, desde uma absoluta autonomia ou autossuficiência, de modo tal que na sobrançaria, não, na presunção, na arrogância de um solene expectador, a ação mesma não teria nenhum *efeito*, melhor, nenhum eco, nenhuma ressonância ou reverberação sobre ele, de volta, de modo que pudesse igualmente vir a alterá-lo, a transformá-lo, a co-movê-lo e mesmo a co-fazê-lo. Um tal sujeito (autor, agente, causa) está ou é invulnerável, incólume à possível ação da ação sobre ele próprio, o *autor*, o *dono* da ação, do *pedaço*...

¹ Heidegger, M., *Sobre o Humanismo*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1967, pp.23-24.

“*Que cada cual es hijo de sus obras*”, diz e repete sempre Dom Quixote. Pois bem, este sujeito, este *autor* é surdo, inteiramente surdo, quer dizer, impermeável a este dizer, a esta evidência, melhor, a esta *experiência* simples e i-mediata do Cavaleiro Andante, quer dizer, do *tipo* histórico.

2. Esta forma, esta estrutura de ação, pois, desvia da compreensão do modo próprio de ser de ação. Por outro lado, diz o texto citado, “a essência do agir está em con-sumar (*Vollbringen*)”. E consumir (*Vollbringen*), por sua vez, quer dizer: “conduzir uma coisa ao sumo (*Fülle*), à plenitude de sua essência. Levá-la a essa plenitude, *producere*”.

Levar, trazer, conduzir algo ao sumo, à plenitude de sua essência — o que é isso? Como?

Essência também não é um sujeito, isto é, um *algo* que sub-está à coisa, da qual a essência é essência. Nada *atrás* da coisa como uma outra coisa, que a ela se somasse, se acrescentasse. Também não igualmente um *dentro*, um *miolo*, um núcleo ou um interior e que, assim, seria a causa, o sustentáculo (*Heber, Urheber*), talvez o *motor* da coisa. Por essência cabe entender o próprio movimento de coisa ser ou vir a ser a coisa que ela é. A questão, a grande questão é como se faz, como se dá este movimento. De qualquer forma, porém, essência fala de *en-senciar-se*, de *en-ser*, ou seja, o próprio fazer-se ou tornar-se coisa de coisa. Essência é verbo, é gerúndio, e em sendo verbo, gerúndio, é a própria vida da coisa, enquanto e como a ação de ser ser ser! *En-senciar-se*, essenciar-se, *enser*. É, pois, ser enquanto verbo, mais, enquanto o verbo dos verbos e não conectivo ou cópula. Que ser seja verbo e mesmo o verbo dos verbos quer dizer que ser é, constitutiva e necessariamente, aparecer, ou seja, superficializar-se, concretizar-se ou realizar-se. Ex-por-se, veremos adiante. Em sendo o verbo, o verbo dos verbos, ser *fala* em todo e cada verbo. Assim, ser é o que não há, o que não se dá ou não se faz em si e por si, mas é o que sempre aparece (*fala*, superficializa-se, concretiza-se) e só pode aparecer em cada, isto é, em todo, verbo *ou* modo possível de ser do/no viver, do/no existir. Se digo jogar, ou pensar, ou escrever, ou capinar estou sempre sub- e co-dizendo: ser-jogar, ser-pensar, ser-escrever, ser-capinar. É assim, sendo, co-sendo todo e cada verbo (i.é, modo possível de ser/aparecer do/no viver ou existir) que ser é verbo e mesmo o verbo dos verbos. *Esquecer* ser é não mais ver isso, não mais experimentar

essa evidência. Cada verbo ou modo possível do/no viver ou existir é ser se fazendo ser, vindo a ser ser, quer dizer, aparecendo, concretizando-se — enfim, *essenciando-se*.

Portanto, há que entender-se essência verbalmente e não substantiva ou substancialmente. Assim, com este *espírito* ou desde esta compreensão, lê-se em Guimarães Rosa: “o ensol do sol”, isto é, a *en-solação* do sol ou o sol fazendo-se, tornando-se insistentemente sol e assim insistindo em ser sol ou *ensolar*, isto é, essenciar-se como sol²; igualmente lê-se e ouve-se: “o coqueiro coqueirando, a pedra se mesmando”. Nisso, nesta formulação ou neste dizer está a experiência-essência como verbo, ser como verbo e o verbo dos verbos. Nessa dinâmica, nessa configuração ou estrutura uma coisa, um algo se faz (torna-se, vem a ser) coisa ou algo. *Coisa*, portanto, não é *coisa* ou *algo* nenhum(a), mas só e tão-só este fazer-se, este cumprir-se ou essenciar-se. Enfim, este *coisar-se* ou *en-coisar-se*. Neste “se”, reflexivo ou medial, veremos adiante, está ou é a essência do agir, da ação.

A passagem, com a qual nos ocupamos, diz que agir é levar (ou trazer!), conduzir este fazer-se coisa de coisa (*coisar-se* ou *encoisar-se*), este essenciar-se à sua plenitude ou consumação. Consumar está traduzindo “*vollbringen*”. O “*voll*” diz o “cheio”, o pleno, o sumo, o cúmulo — também “*die Fülle*”. O “*bringen*” é o trazer, levar, conduzir. Portanto, cumular algo, fazer com que este algo se cumule, se plenifique, se encha todo de si próprio, i.é, do seu próprio.

A pergunta é: como é, como se dá este fazer, se ele não é a ação de um agente, de um sujeito? Como trazer, levar, conduzir algo ao algo que ele é, à sua essência, *sem fazer*?! E: *onde* é ou está o cheio, o pleno, o sumo? *Quando*?! E estas perguntas — são boas, são oportunas?!...

3. *Ou* agente, *ou* paciente; *ou* ativo, *ou* passivo. Mas, em se falando dos verbos e de suas vozes, não se distingue só ativo e passivo, mas também a voz reflexiva ou média, na qual, diz-se, ao mesmo tempo, o sujeito pratica a ação (ativa) e também a sofre (passiva), à medida que tal ação assim praticada pelo sujeito se volta sobre ele, nele se reverte ou se reflete, isto é, nele igualmente interfere e atua.

A tendência é imaginar-se esta voz reflexa a partir da ativa e da passiva, até e principalmente porque se costuma (o hábito!) ver na ativa a forma principal ou

² Esta insistência, que aponta para a re-tomada ou a re-petição da ação sempre nascente, sempre se auto-gerando (gerundiva ou gerundial!), é o que é dito no prefixo incoativo “em”, de *en-sol*, *en-solar*. O gerúndio, a forma gerúndio, também expressa a forma incoativa do verbo.

exemplar da ação, quer dizer, exemplar é o tipo de ação, na qual o sujeito a pratica, na qual ele é o agente, a causa, enfim, pura e simplesmente, o sujeito da ação. A passiva já seria uma derivação ou modificação, talvez uma reduplicação reversa da ativa, e a reflexa uma espécie de posterior e final combinação de ambas, ativa e passiva. Neste contexto, a voz reflexa estaria ou se daria *entre* a ativa e a passiva. Seria, pois, a intermediária, sendo, digamos, um *pouco* ativa e (+) um *pouco* passiva; *meio* ativa e (+) *meio* passiva. Neste caso, o ativo (principalmente) e o passivo (secundariamente) são as medidas, o critério.

Mas, talvez, possamos subverter esta formulação/compreensão e imaginar ativo e passivo como formas tardias, decaídas da voz média. A média seria a primeira, a arcaica, a *elementar*. Isso é uma suspeita, uma proposta. Para que esta proposta, porém, ganhe espessura e razão ou direito de ser, é preciso imaginar, pensar a média como sendo aquela que fala do tipo arcaico, i-mediato de ação, de toda ação ou atividade humana, e, então, a ativa e a passiva seriam como que o resultado de um desmembramento, melhor, de um fracionamento ou, melhor ainda, de uma fratura da voz ou forma média e, então, tardiamente, ativa e passiva seriam elevadas a um primeiro e segundo planos respectivamente e a reflexa, numa estranha inversão, ficaria como que o terceiro plano, a terceira forma, resultante das duas outras formas/fraturas. Quando acima se propôs uma subversão foi tão só para se recuperar o perdido nesta inversão e, então, retomar o ponto de partida perdido, esquecido. O tardio, o epigonal, o decadente, seria ver a voz média como a *média* (posição intermediária *entre*) de ativo e passivo.

Mas como realmente ter a voz média como primeira, como ponto de partida? Para tanto, ou seja, para ganhar-se a tal espessura e razão ou direito de ser da proposta, é preciso entender este médio, este medial da voz média, como *medium*, como *elemento*. E *medium* ou elemento falam, aqui, da textura ou da constituição ontológica básica, i-mediata ou arcaica da vida, da existência, à medida que falam de inserção, quer dizer, de círculo e, então, de afeto ou *páthos*. Expliquemos.

4. *Meio* não é metade, não é parte igual ou valor equivalente. Não é média, quando se diz, p.ex., *está fazendo média*, isto é, agradando a gregos e troianos. Não é uma posição ou situação intermediária entre dois extremos. Aqui, meio é *medium* e *medium* diz *clima*, *ambiente*, *aura*. E é neste sentido que *medium* está dizendo o mesmo

que *elemento*, p. ex., ao falar-se que alguém é ou está no *próprio elemento*. Elemento, assim, dizendo também *humor* ou *páthos*, diz a *força*, o meio (!), a aura no ou na qual a gente, de repente, se sente e se vê jogado e, então, situado, postado. Assim, neste contexto, elemento, claro, não é parte, não é fragmento, não é componente, p.ex., de um grupo ou de um conjunto qualquer, mas sim o *próprio* que é, p.ex., o ar como o elemento (*medium*) do pássaro, a água como o elemento (*medium*) do peixe; tal como borrasca, tormenta, gáudio ou alegria se caracterizam como o *medium* ou elemento (aura), quando nos vemos jogados e então envolvidos, tomados por borrasca, tormenta, gáudio ou alegria. Neste sentido, pois, meio, *medium*, elemento, cada qual, está falando de um humor, de um *páthos* ou afeto, no qual se está, o qual se é, de tal modo por ele se está tocado, tomado, *a-propriado*.

É enquanto um tal jogado e, então, tocado, tomado, apropriado, que *medium* (ou meio, ou elemento) está falando igualmente *círculo* e inserção, ou seja, de novo, afeto, *páthos*.

A palavra, o nome *círculo*, é usada(o) como recurso, como esforço ou tentativa de, sugerindo uma imagem (a do círculo-circunferência-roda), falar e mostrar, tornar visível e palpável um fenômeno, uma experiência (uma *evidência*, pois, que irrompe e se impõe), que não tem e não é imagem nenhuma, nada visível, visual, tátil, palpável, ou seja, o fenômeno ou a experiência que constitui a própria situação ou condição humana de, de repente (subitamente, i-mediatamente, num salto), ver-se, sentir-se assim jogada, tomada, apropriada pelo meio-vida, pelo elemento-existência. Este *medium* ou elemento é também e igualmente o sentido, o mundo, o *lógos* que, quando algo se dá ou acontece, ele (o sentido, o mundo, o *lógos*) *sempre já aconteceu*, se deu, e o que quer que seja ou apareça, que se dê ou aconteça, dá-se, faz-se, acontece ou aparece *graças* (por obra e graça de!) a este sentido, mundo ou *lógos*, que sempre já se deu, aconteceu. O *já* fala o círculo, a inserção e, assim e por isso, igualmente o súbito, o imediato (o salto) e, enquanto e como uma irrevogável antecipação (o *a priori*) e inserção, fala igualmente afeto, *páthos*.

5. *Medium*, elemento, é um determinado modo de ser, como um determinado modo de ser, ou seja, em, desde e como um mundo, isto é, um sentido, um *lógos*. Um modo de ser determinado, um mundo, em configurando o sempre *medium*-vida, elemento-existência. Este, por sua vez, é, se faz ou se dá sempre em ou desde *medium*-

ou elemento-vida (existência), pode-se dizer, é um *verbo* no/do viver ou existir, à medida que tal modo de ser ou mundo é ação, atividade, uma vez que vida, originária ou imediatamente (espontaneamente), é ação, atividade. A ação ou a atividade de, espontânea ou gratuitamente, *ex-por-se*, melhor, *auto-ex-por-se*. Auto-expor-se uma vez que, desde e como salto (espontaneidade, gratuidade, doação), esta ex-posição, quer dizer, este aparecer ou mostrar-se, se faz desde ou a partir de si mesmo(a), em pura doação, em puro transbordamento e sobra ou superabundância. É isso a espontaneidade. Ex-põe-se, isto é, brota, irrompe, aparece ou faz-se visível — mostra-se. O homem, em sendo o *Da* do *Da-sein* (o *pré* de *pre-sença*), o *ek* de *ek-sitência* (i.é, pré-disposição, aptidão, abertura ou *livre para*), configura-se como o lugar e a hora deste acontecimento (vida, existência), o lugar e a hora desta auto-exposição ou acontecimento-vida, irrupção-existência. Assim, estranhamente, o homem faz-se o elemento do elemento, o *medium* do *medium*. Por isso, graças a isso, o homem co-faz igualmente o lugar e a hora de ação, de atividade e isso enquanto e como exercício do limite, da finitude (*queda, débito*), que ele é. Por ser limite, finitude (*queda, débito*), o homem e só o homem é ação, atividade, isto é, *história*.

Quer dizer: em sendo história, o homem é o exercício de, através de ação, *graças* à ação, à atividade, vir a ser, tornar-se o que ele é, a saber, homem. A vida, a existência — o homem e só o homem, à medida que ele e só ele é lugar e hora do elemento-vida, do *medium*-existência — é a ação ou a atividade de auto-fazer-se, de auto-fabricar-se. Assim é preciso entender a fala e a determinação do homem como *homo faber*, isto é, como auto-realizador, como auto-fazedor, como auto-fabricador de sua própria vida, de sua própria existência. O homem vem a ser, se torna à medida que se ocupa (como imperativo e lei de *queda*, de débito, de finitude ou limite), que lida, que faz. Ele faz-se no, desde e como o fazer (a ação, a atividade) que ele é. Portanto, seu ser, sua essência ou seu *essenciar-se* é fazer e, no e desde o fazer (ação, atividade), *fazer-se*. Isso é história, melhor, é ser histórico. A *natureza*, a *essência*, a *substância* do homem é história, isto é, ação, atividade.

E como se faz, como se dá esta ação, esta atividade (história), que é o homem? O texto citado de Heidegger diz: “como con-sumar” e con-sumar quer dizer: “conduzir uma coisa ao sumo, à plenitude de sua essência. Levá-la a essa plenitude, *producere*”.

Mas como propriamente é, se faz isso?

6. Levar, conduzir uma coisa à plenitude de sua essência — consumir. Antes de esclarecer o que seja e como se faz este consumir, é preciso perguntar: e coisa — o que é? *Como* é uma coisa? Ela é subjetiva? Ou seria objetiva? Ou um pouco subjetiva e um pouco objetiva, talvez inter-subjetiva e, afinal, à Sancho Pansa, algo assim como nem muito bacia e nem muito elmo, mas um pouco bacia e um pouco elmo, um *bacielmo*?!

A forma, a estrutura círculo ou inserção (“ser-no-mundo”), vendo, compreendendo e falando desde e como *medium* ou elemento, assim como inviabiliza a compreensão/determinação de ação na forma *ou* ativo *ou* passivo, *ou* agente *ou* paciente, assim também inserção ou círculo inviabiliza a fala de *ou* subjetivo *ou* objetivo, assim como, conseqüentemente, a saída pela via dialética do subjetivo-objetivo e do objetivo-subjetivo, do intersubjetivo, isto é, a pícara saída de Sancho Pansa. É possível discutir e detalhar estas formulações e marcar suas dificuldades, impropriedades e aporias, mas, para nós, aqui, agora, não é o caso. Não nos interessa e não se faz necessário. É preciso, sim, dizer e mostrar que coisa, uma coisa, toda e qualquer coisa, por se dar ou se fazer necessariamente na ou desde a estrutura de inserção ou de círculo, não é nada nem da ordem do subjetivo, nem do objetivo, nem da dialética entre um e outro e muito menos nada do tipo intersubjetivo. Considerando inserção ou círculo, coisa, toda e qualquer, é coisa, a saber, a coisa ou o algo que é ou aparece, porque (graças a) *já* é sempre *em* um ou *desde* um *mundo*, isto é, em um ou desde um sentido, uma força, quer dizer, uma possibilidade que sempre já se deu ou se abriu, que sempre já se instaurou ou se interpôs e, assim, sempre já a possibilitou ou a pôs como a coisa que é, tal qual é ou aparece. Quando algo se dá (se mostra, se faz), um sentido (um *mundo*, uma *força*, um *lógos*) *sempre já* se deu, *sempre já* aconteceu ou se interpôs. Isso é imposição de *salto*, de súbito ou de i-mediatidade, o que põe círculo ou inserção, quer dizer, abre e instaura *medium*, elemento, como começo (*arché*) que não começa e não pode começar.

Ver uma coisa, entender uma coisa como tal coisa, tal como aparece ou se mostra, é ver ou entender tal coisa desde o sentido (o mundo, a força, o *lógos*) que ela sempre já é, que ela sempre já foi, para poder ser isso que ela é e tal qual é. É preciso ver, isto é, co-ver ou entre-ver este sentido para ver a coisa na sua inteireza ou na sua gênese-coisa. Pois coisa nenhuma é coisa alguma, mas o sentido (o mundo, a força, o *lógos*), que se ex-põe, se concretiza ou se realiza *como tal coisa* — enfim, assim

aparece e se mostra³. Assim sendo, ver ou entender uma coisa nela mesma e desde ela mesma é vê-la ou entendê-la desde o sentido, a força, o mundo ou o *lógos* que ela é. Como já se disse, é preciso co-ver, entrever este sentido ao ver a coisa. E, para tal, é preciso *transpor-se* para a própria coisa, *saltar* para isso que a coisa é, melhor, *já é* ou *já foi*, para ser, para poder ser isso que ela é. À medida que o homem e só o homem é o lugar e a hora de todo e qualquer sentido (coisa) possível, trata-se de transpor-se ou saltar para isso que nós, de algum modo, já somos, precisamos já ser, para poder ver, co-ver *a* ou participar de *a* coisa tal qual é, assim como aparece ou se mostra. Sim, transpor-se ou saltar para a dimensão, para o horizonte, isto é, para o sentido ou a força (mundo, *lógos*, *valor*) que a coisa, para ser coisa, a coisa que é, já é, sempre já foi.

7. Uma tal transposição se faz desde e como salto e, assim, abre um *tomar parte em*, isto é, um tomar parte no modo próprio de ser da própria coisa. Uma tal transposição, um tal salto, instaura ou inaugura, pois, uma *participação vital*. E esta participação se revela como um fazer a coisa junto com o próprio fazer-se coisa da coisa. Assim, esta participação é um co-fazer. Um co-fazer à medida que é um con-crescer com coisa, com o fazer-se coisa da coisa. Coisa *crece* à medida que se intensifica, que se agrava, ou seja, à medida que vem a ser a coisa que é. Crescer, aqui, nada fala de soma, aglutinação, agigantamento. Nisso, numa tal participação e num tal zelo ou cuidado, há uma atenção, uma concentração, que também pode se denominar *escuta*. Enfim, participação vital ou escuta no fazer, no co-fazer, que é con-crescer.

Nesta dinâmica ou estrutura é preciso entender-se a con-somação, a plenificação, isto é, o consumir-se ou o plenificar-se, o cumular-se todo de uma essência, o levar uma coisa à plenitude de sua essência, o que foi também chamado “*producere*” — produzir, *poiesis*. Tal consumação, vista desde e como participação vital, co-fazer, con-crescer, escuta — enfim, tal consumação fala de um *ser junto ao movimento-gênese*, à dinâmica de vir-a-ser, a saber, vir a ser a coisa (p.ex., a mesa) vindo a ser coisa (mesa) que é, ou seja, a coisa fazendo-se, realizando-se. Ação genuinamente verbal, participial,

³ E neste contexto ou horizonte, pode-se, precisa-se dizer que coisa é valor (= força), à medida que se entende valor desde ou a partir da forma, da estrutura inserção, círculo, quer dizer, desde e como *medium* ou elemento, ou seja, como o sentido (força), que sempre já se abriu, sempre já se pôs ou se interpôs. E isso, a saber, esta compreensão de valor, na suposição que não se pode, que não se tem o direito de entender valor subjetivamente (seja psicológica, seja antropológica, seja transcendentalmente), quer dizer, como *coisa* ou *algo* da ordem do subjetivo *contra* o objetivo ou igualmente algo de cunho intersubjetivo.

gerundiva — de gênese, de co-gênese ou de co-nascimento. Um conhecimento arcaico, próprio da artesanaria, da *téchne*.

É possível, melhor, é necessário compreender a ação do bom e velho artesão nesta estrutura ou na vigência de um tal modo de ser. Pode-se dizer: desde a atividade de uma tal experiência. Assim é possível, é necessário ver, compreender um sapateiro no seu ofício de fazer um sapato; um marceneiro no afazer de uma mesa; um oleiro na *enformação* de uma panela ou de uma moringa. Assim se tem, se faz seu produto, o artefato ou a feitura de seu produto (o sapato, a mesa, a moringa) com arte, com *técnica*, ou seja, seguindo e segundo o modo de ser da participação vital. E este é o modo de ser imediato da mão, do homem-mão, pois, sim, o homem *é* mão, isto é, ação, atividade.

Fazer é o exercício efetivo de uma atividade possível, p.ex., a sapataria, a marcenaria, a olaria. Tal como se expôs, um tal fazer, um tal exercício se realiza ou se concretiza à medida que se *segue* o fazer-se coisa da coisa, isto é, à medida que se *escuta*, que se participa, que se *obedece* à coisa se fazendo coisa ou se *coisando* — ou seja, *crescendo*, *intensificando-se*, *agravando-se*. Um tal fazer, já se disse, é co-fazer e con-crescer com coisa. E isso é a *boaartesanaria*, o *bom* artesanato, e daí resulta, acontece o *bom* produto, o *bom* artefato. “Bom”, aqui, está falando: ajustado a, afinado ou afeiçoado com este modo de ser que é o próprio participar, ouvir. No fazer com arte, diz Klee, não se tem propriamente a “forma” (*Form*), mas, mais precisamente, “formação” (*Formung*)⁴, isto é, o movimento de forma se fazendo forma, a vida da forma. Se forma, isto é, a gênese ontológica, é vida, então, na boa feitura, no bom fazer, tem-se a vida da vida ou a própria gênese de gênese — gênese em sua auto-gênese. “*Formung*”, “formação”, diz Klee, ainda que num alemão meio reverso.

Neste fazer, desde uma tal atividade, a fabricação de uma mesa, p.ex., vai somar, vai acrescentar ou *inventar* algo (a mesa, p.ex.) que a natureza não dá, não nos dá ou oferece imediata ou *naturalmente* (por natureza, espontaneamente). Portanto, algo in-encontrável na natureza, no meu entorno ou contorno imediato; algo, pois, in- ou extra-natural. É este, em princípio, todo o mundo técnico que circunda e *enche* a vida, a existência humana: o artefato, o produto, a saber, a mesa, o sapato, o cântaro ou a panela. Tudo coisa da, de *mão*.

A ação, a atividade desde e como escuta ou participação vital nos dá a insólita sensação de que o fazedor, o artesão ou mestre (o oficial), seguindo, escutando,

⁴ Cf. Klee, P., *Die Ordnung der Dinge*. Stuttgart:Verlag Gerd Hatje Stuttgart, 1975, p. 94.

obedecendo à coisa se fazendo coisa ou à natureza, ele, na verdade, desde a própria coisa (natureza), faz (deixa!) vir a ser aquilo que a própria coisa (natureza), desde si mesma e por si mesma, viria a ser ou se faria caso pudesse ou quisesse vir a ser ou se fazer tal coisa — p.ex., esta mesa, este cântaro, este sapato. Em resumo, o oficial, este oficial ou artesão faz o que a natureza mesma faria se ela por ventura viesse a fazer. O fazer deste oficial, deste artesão, em seguindo, escutando, obedecendo é a estranha e difícil atividade de *deixar ser*. É, estranhamente, um modo de ser de e no fazer, no qual, no entanto, o ativo e/ou passivo não é medida, não é critério. Assim, deste modo, o oficial, o artesão, ajuda, completa, compõe a natureza, o fazer-se ou o devir técnico, isto é, todo o mundo da mão, o mundo-mão, que é, por excelência, o mundo humano, demasiado humano da ação, da lida com o seu em torno, com a chamada *natureza*. O oficial, o artesão, vimos, natural e espontaneamente, numa conquista que é a própria escuta, a participação e o co-fazer, compõe e completa a natureza, colocando, somando, acrescentando coisas (produtos, artefatos, *manu-fatos* ou manu-faturados) in- ou extra-naturais à natureza. Mas o artesão, este artesão é, de certo modo, co-natural com natureza, pois ele *continua* a natureza, é seu *continuador*. Mais uma vez, assim ele completa, con-soma uma essência, a saber, a própria natureza, à medida que ele faz, que ele produz um algo ou uma coisa se fazendo este algo ou coisa, portanto, em sua própria gênese, no seu próprio fazer-se e aparecer ou instaurar-se.

8. Ahahahah! Ahahahahah! Só mesmo rindo e gargalhando. Romantismo! Nostalgia! Sentimentalismo! Pieguice! Ah, a Arcádia! Ah, o pastoreio do Quixote!

Tudo que se disse é pura besteira, completa bobagem. Não presta para nada. Pois hoje não mais se tem este produto, este artesanato idílico, conatural, assim como este artesão, este oficial, que segue a natureza, que *escuta* a coisa no seu fazer-se coisa. Hoje se tem a máquina, a máquina computadorizada, o robô produzindo, gerando artigos ou produtos técnico-industriais, tecnológicos. Têm-se, hoje, mísseis, computadores, robôs informatizados, simuladores idem. Têm-se insumos, commodities. Tudo em grande, em mega escala. Escala global. Produção e consumo globais.

O artesão de hoje aparece em oficinas/laboratórios de robótica, empenhado em inventar/produzir engenhos, engenhocas, robôs, e sua matéria-prima, sua *natureza* é, p.ex., restos, sucatas eletrônicas, ou seja, já produtos e sub-produtos industriais descartados e que, talvez, assim serão dignamente resgatados, reciclados. Escuta,

participação vital, co-fazer, con-crescer?! Puro sentimentalismo, pura nostalgia de um paraíso perdido. É, sim, o pastoreio do Quixote. A natureza, o natural deste mundo técnico, tecnificado, já é sempre o matemático posto e pro-posto. O natural já é, já foi sempre o cibernético.

Bem, a objeção está feita. Ainda assim, voltemos, retomemos nosso tema.

II

1. A mudança de compreensão na natureza da ação, o que corresponde à retomada ou à reconquista da essência da ação, ou seja, a reconquista ou a retomada do modo próprio de ser do fazer, da ação ou da atividade, a partir de elemento ou *medium* e *como* elemento ou *medium* — enfim, uma tal mudança de compreensão na natureza da ação corresponde, ao mesmo tempo, a uma mudança ou transformação na compreensão do homem, da *essência* do homem. Melhor, com isso, a saber, com a reconquista da essência da ação, o homem, a *essência* do homem é igualmente reconquistada. Uma leva à outra ou a outra leva a uma?! Deixemos isso de lado. Trata-se de um único e mesmo fenômeno, de um único e mesmo acontecimento, de uma única e mesma *experiência*.

Tão somente à guisa de observação, conste que não se trata, aqui, de nenhuma mudança ou transformação do homem no sentido evolutivo, não é um *mais*, um *plus* em alguma escala, portanto, em algum ideal, de evolução, de progresso, seja na ordem biológica, psicológica, cultural-civilizatória, social ou sabe-se lá o quê. Nada de algumas sinapses ou de alguns neurônios a mais. Não. Tal reconquista ou retomada — o *re* está dizendo isso — é volta. E esta volta, por seu lado, não é nenhum retrocesso na linha do tempo, buscando ou visando um passado longínquo e *original*, que o progresso teria degenerado, depauperado — o paraíso perdido. Isso seria nostalgia. Não. Esta *volta* é só e tão só um entrar, um reentrar, na verdade, um *afundar* no fundo, no fundamento do homem, da vida, da existência humana, o que, a cada passo, é entrar, afundar no sem fundo, no abissal da irrupção humana. E acolher isso, e consentir ou aquiescer nisso. E isso se faz, se conquista, parado. Parado e em escuta, em ausculta. Na verdade, nenhum progresso e nenhum regresso. Só um grande parado, uma enorme paciência. Dizem, disseram: “Deus é paciência e o contrário é o diabo”. Na pressa, na correria, quem para, porque para, volta. É assim: parado-afundando-escutando-

voltando-retomando-repetindo. Vindo a ser o que é. Reconquistando-se, retomando-se, para vir a ser o que é.

É através *de* ou graças *a* uma tal reconquista (retomada) da essência da ação, do fazer, que se evidencia para o homem o seu destino, a sua natureza ou a sua essência histórica. Quer dizer, o destino ou a natureza de ser acontecer e fazer-se. Ao homem e só ao homem *acontece* algo ou *coisas*; a ele e só a ele *se passa* ou *se dá* algo, alguma coisa. O homem *é* acontecer, no sentido que o alemão fala de “*geschehen*” e, então, “*Geschichte*” (história). O acontecer, o dar-se ou passar-se em si mesmos, em suas texturas próprias, não são, cada qual, propriamente *coisa* nenhuma, ou seja, não têm a consistência de coisa ou de algo algum, mas tão só o dar-se ou o acontecer de tempo se fazendo tempo, a temporização ou a gênese do tempo tecendo, fiando, esculpindo ou forjando o homem, a vida, a existência humana. E nisso, na ação reflexa, na atividade ou fazer-se desde e como elemento ou *medium*, está ou é a ação, a atividade que, revertendo-se sobre o próprio homem, nele ecoando à medida que o vara ou o trespassa, o *altera*, i.é, faz vir a ser outro no e desde o mesmo. E isto quer dizer: o homem, a vida *cresce*. E cresce no sentido que se agrava, se intensifica e se torna, desse modo, mais nítido(a), mais claro(a) e evidente para si mesmo(a) no seu próprio destino, na sua própria destinação ou envio histórico, quer dizer, temporal. Assim vai se tornando, igualmente, mais nítido, mais evidente a sua própria essência ou gênese. A sua forma, à medida que se entende sob forma *gênese ontológica* ou a irrupção do visível na sua própria visibilidade. É ainda assim, por esta via ou no cumprir-se deste modo de ser, que, no homem, é promovido o exercício (a ação, a atividade) de sua constitutiva ou essencial liberdade — o ser livre, isto é, aberto, isto é, pré-disposto ou *apto* para a liberação de um próprio, de uma identidade na e como criação. É a liberdade que, no fazer, no agir, agindo, fazendo, libera ou liberta um modo de ser, uma identidade ou um próprio, que cada vez mais assim ou como tal vai se evidenciando ou aparecendo (fazendo-se visível) para si mesma. Liberdade, uma liberdade que se faz, que *cresce*, desde e como *necessidade*. É isso ou este o *crescer*, ao qual acima nos referimos. Crescer que não é engordar, somar, agigantar-se, mas intensificar-se, agravar-se, que é também um clarificar-se, melhor, *clari-fazer-se* ou *clari-tornar-se* de sua própria natureza ou essência — necessidade. Ouça-se: natureza ou essência histórica (portanto, por natureza, aqui, entende-se *gênese*, nascividade), que é o modo de ser que se faz e se dá no tempo e como tempo, no sobrevir de tempo sobre tempo, em fazendo, em agindo

e em sofrendo, em repercussão, eco ou ressonância, a própria ação, o próprio fazer. Assim o homem, cada homem, se faz *mais simples, mais só* — na e como transcendência, pois o fazer essencial é entrega e abandono à evidência da solidão na e como transcendência. Mais simples, mais só — mais necessário. Sim, *mais livre*.

2. Na reconquista da essência da ação, do fazer, o que corresponde à reconquista/transformação na/da essência do homem, está a *passagem* do animal racional, isto é, da compreensão e da determinação do homem como sujeito (autor, agente, causa) da ação, para *presença (Dasein)*, ou seja, para a compreensão e determinação do modo próprio de ser do homem desde e como o acontecimento que é a súbita irrupção de uma *presença (=Dasein)* jogada no mundo, ou seja, aberta ou disposta *à e por* transcendência. Isto é *presença (Dasein, vida ou existência humana)*, enquanto e como ser-no-mundo⁵.

Esta presença, este súbito, imediato ou abissal abrir-se e expor-se — é isso mesmo o ser e estar lançado ou jogado na e como transcendência. Sua *inserção* é ser e estar na e como transcendência ou auto-ultra-passamento em direção à alteridade como tal, isto é, *mundo*. Transcendência põe, impõe a ação, a qual não é outra coisa senão o exercício, a exposição ou a auto-exposição de *débito (Schuld)*, i.é, de finitude, quer dizer, o fato de o homem (*presença*) ser um precisar fazer, um precisar fazer-se e tornar-se (vir a ser) no e desde o próprio fazer, na e desde a própria ação ou atividade *inserida*, ou seja, a ação *elementar*, qual seja, a ação ou a atividade que é ou se faz, se dá desde e como *medium* ou elemento (= inserção).

Nesta passagem, nesta transição ou ultrapassagem (*Übergang*) dá-se ou acontece *virada, Kehre*. De novo, vem a pergunta: ou seria o contrário, a saber, dá-se, faz-se ou acontece passagem, ultrapassagem (*Übergang*) *porque* (i.é, graças à, por obra e graça de) *virada, Kehre*, já se deu, aconteceu?! E, mais uma vez, deixemos a pergunta que, no círculo, na inserção, se volta sobre si própria e acaba sempre se perguntando a si própria. Deixemos esta pergunta e perguntemos numa outra direção, para ficar na mesma *coisa*, na mesma instância ou situação: fala-se de *virada*, de *Kehre* — mas o que é isso? Como?

O tema da *virada (Kehre)*, em Heidegger, segundo muitos comentários, é cheio de hermetismo, de esoterismo, de misticismo. Quando não de rebuscamento e de

⁵ A respeito da menção a esta passagem (*Übergang*) animal *rationale-Dasein*, cf. Heidegger, M., *Beiträge zur Philosophie*, Vittorio Klostermann, Frankfurt, 1989, p. 3.

contorcionismo intelectual. Mas, pondera-se, não deve ser isso e assim. A questão, o tema, é claro e simples. Mais: extremamente simples e claro. O que não quer dizer simplista ou simplório ou que a *coisa*, o fenômeno, a experiência ou o acontecimento histórico *virada* seja fácil, *uma barbada*. O tema, melhor, o fato (!), o acontecimento ou, se se quer, o fenômeno, a experiência é grave e difícil de ser alcançado(a), mas é simples. O simples, o verdadeiramente simples, é sempre grave e difícil.

Virada pode evocar *coisa* paulínea (i.é, de São Paulo), pode soar *coisa* cristã, evangélica, à medida que aí se pode ouvir algo como a fala de *homem novo*. E, sim, trata-se de *homem novo*, mas nada beato, nada religioso, cristão, evangélico. Nada de *Deus*. Muito pelo contrário, trata-se de uma experiência que supõe justo a morte de Deus, quer dizer, o fim, o acabamento ou a cumulação da metafísica. Mas este *novo* de um possível *homem novo*, no entanto, é coisa velha, muito velha. Mais uma vez, é só, tão só o movimento de volta, de retomada do necessário, do absolutamente necessário, *de aquilo* que não pode não ser, a saber, a essência do homem, quer dizer, seu lugar, sua hora, sua casa, sua *pátria*. Para nós: a instância ou o instante de abertura (de retomada de), de instauração do modo de ser (o homem) que é irrevogavelmente ação, atividade, isto é, história. À medida que instante, que súbito ou i-mediato (salto, círculo), um modo de ser (o do homem) marcado por jogado (irrompido subitamente, abissalmente, em salto desde nada e para nada) e por pobreza ou finitude, isto é, limite, débito ou, melhor, ser no e segundo o modo de ser que é ser e precisar ser um *afazer* ou *porfazer*. Enfim, ser e precisar ser, desde sua constituição própria ou essencial, lida, ocupação, tarefa — nisso e assim, ação, atividade.

Toda a história da metafísica pode ser vista como o tempo da revolta, o tempo de *l'homme révolté*. Ou seja, o tempo de recusa e, na e desde a recusa, a fuga desta sua essência finita em direção ao in-finito, ao i-limitado, promovendo assim, ao mesmo tempo, a história, o tempo do heroísmo, mesmo da bazófia da vontade, a era do tresloucamento da vida e do homem (da vida humana, para falar redundantemente) na exacerbação da subjetividade, entendendo-se por subjetividade a vigência ou a predominação da autonomia da consciência, isto é, a dominação, a pré-dominação do eu como sujeito, como substância. Este tempo, *grosso modo*, tomando-o teleologicamente desde a modernidade, pode ser compreendido e determinado como o tempo da razão lógico-matemática, quer dizer, a era empenhada em tudo organizar, melhor, tudo *antecipar*, tudo esclarecer, principalmente a própria essência do homem, e circunscrever

sob a necessidade dos princípios de identidade, não-contradição e de razão suficiente. A razão, sobretudo a razão moderna, é isso, qual seja, dominação, pré-domação destes três princípios, à medida que eles, em tudo que se faz e se pensa, em tudo que se representa, sempre já estão antecipados e tomados, co- e sub-pensados, como evidentes e necessários em si mesmos e por si mesmos. À medida que eles são assim sistematicamente *antecipados* ou pro-postos, a razão é matemática.

Mas, voltando e retomando a questão, *virada* é passagem, passagem súbita, em e como salto, para um (outro) modo de ser que, de repente, passa a ser regido por um outro *registro*, por uma outra *medida*, ou seja, nisso, justo nisso está *o outro* ou o *novodo* novo modo de ser — no caso, do *novo homem*. Este novo-outro registro é, sim, uma transformação súbita (imediata, em e desde salto), uma *conversão*, uma completa mudança de *mente* ou de medida; um outro-novo modo de *ver*, isto é, de compreender, de aparecer ou de mostrar-se de todas as coisas, de *tudo*. Abre-se, abriu-se, de repente, um novo/outro *mundo* — isto é, sentido, *lógos*, *medida*. É uma *metanóia*, um *trans- ou meta-nous* — razão?!... Este *trans*, este *metá* (o *über* de *Übergang*, *Überwindung*, *Übermensch*, no caso de Nietzsche), no entanto, à medida que é retomada, repetição, é volta. Mas volta, aqui, não é nada que se faça como recuo no tempo, entenda-se, nenhum recuo para trás na linha sucessivo-linear do tempo da datação historiográfica. Não. É volta e é re-tomada, re-petição, à medida e só à medida que *para*. Para, escuta, consente, assente — deixa-se ser tocado, tomado por... transcendência, *isto é*, o *a-byssal*. Faz-se a fala, o porta-voz disso.

Virada, *Kehre*, *metanóia*⁶, fala de, em voltando, em re-tomando (a essência, o lugar, a hora, a casa do homem), largar, abandonar ou *esquecer* o desvio vigente, o extravio dominante e, então, no mesmo ato, passar para um novo/velho registro, para

⁶ “*Entropé*”, em São Paulo, Coríntios, I, 5-6 e 15-39, segundo uma belíssima passagem e comentário de Ortega y Gasset. O contexto, em Ortega, é a fala de extremismo — hoje vivemos e somos uma época, uma era de extremismo, a era, a época da tecno-ciência. A passagem toda de Ortega diz: “... será sumamente frequente (nesta situação de extremismo) essa *volta integrale súbita* que se chama *conversão*. *A conversão é a mudança do homem*, não de uma ideia para outra, mas de *uma perspectiva total* à oposta: *a vida, de pronto, nos aparece às avessas*. O que ontem queimávamos, hoje adoramos. Por isso, a palavra de João Batista, de Jesus, de São Paulo é: “*metanoiete*” — convertei-vos, arrependei-vos, isto é, negai tudo o que éreis até este momento e afirmai vossa verdade: reconheci que estais perdidos. *Dessa negação sai o homem novoque se tem de construir*. São Paulo usa uma que outra vez este termo: construção, edificação — “*oikodomé*”. Do homem em ruínas e tornado puro escombros tem-se de refazer um novo edifício. Mas a condição prévia é que abandone a posição falsa em que está e *torne a si mesmo, torne à sua íntima verdade*, que é o único terreno firme: *isso é a conversão*. Nela, o homem perdido de si mesmo, encontra-se de pronto com que se achou, com que coincide consigo e está por completo em sua verdade... A quem interesse esse ponto, sugiro que veja na *Epístola aos Coríntios* (I, 6-5; 15-39) o que significa a palavra *entropé*.” (Cf. Gasset, O. y, *Em torno a Galileu - o esquema das crises*, Vozes, Petrópolis, 1989, pág. 128, tradução de Luiz Felipe Alves Esteves). Os grifos, em itálico, são meus.

um novo/outro andamento ou cadência, justo à medida que abandona, que larga, que perde ou *esquece* a cadência ou o registro tresloucado (i.é, a de-cadência) a que está lançado, no caso, a autonomia da consciência ou a exacerbação, o espasmo, quer dizer, o furor, a grima ou a sanha (tudo isso diz a *hybris*) voluntarista.

Na virada, na “*Kehre*”, ou seja, na *metanóia*, que é uma completa transformação ou revirada (sim, real *revolução*) da *mente*, do *espírito*, isto é, da *medida*, leia-se, do homem, do *páthos* que inaugura um modo de ser possível/necessário — enfim, na virada em questão está a entrada ou a re-entrada numa nova /outra *experiência*, ou seja, na nova/outra velha, velhíssima, antiquíssima, pois arcaica ou originária, experiência que marca o modo de ser fundamental ou essencial, inalienável, do homem, do viver ou do existir: finitude e, na e desde finitude, *débito*, isto é, ver-se e *sentir-se* na vertical necessidade da ação, da atividade, da história, à medida que se evidencia ser o homem a necessidade de ser um precisar fazer.

Em sendo experiência (“*Erfahrung*”, em alemão, evocando “*fahren*”, viajar), em questão está o abrir-se, o inaugurar-se e o promover-se de uma *outra* e de uma *nova viagem*. Uma outra e nova história, pois. Uma outra e nova dinâmica do homem fazer-se ou tornar-se homem. Esta *outra* e *nova*, na verdade, a velha, a velhíssima, a antiquíssima — “Vem noite antiquíssima e idêntica”, conclama, quase em refrão, um poema de Fernando Pessoa — é o modo de ser marcado pela vigência da essência da ação, quer dizer, o modo de ser marcado pela atividade regida desde e como *medium* ou elemento (a inserção ser-no-mundo), o que quer dizer: uma ação, uma atividade regida desde e como escuta, obediência, co-fazer e con-crescer, o que só pode dar-se ou acontecer desde e como *abertura* (*ek-stase*), consentimento ou aquiescência à transcendência, ao auto-ultra-passamento.

3. “Só se conhece o agir como a produção de um efeito (“*Wirkung*”), cuja efetividade (“*Wirklichkeit*”) se avalia por sua (de acordo c/sua, segundo sua) utilidade”.

A estrutura desta ação, vimos, é marcada pela autonomia do sujeito, ou seja, do *autor* (agente), da causa. E, aqui, sujeito, autoria, causa — tudo isso, em última instância, está dizendo: homem. Autonomia, por seu lado, quer dizer: o sujeito, em sendo a única e real causa ou autoria, constitui-se no senhor, no soberano da e na ação. E isso quer ainda dizer: a ação, o fazer não tem qualquer eco, qualquer repercussão ou ressonância sobre o sujeito, sobre o homem (!), de modo que este jamais é atingido e

transformado (feito!) pela própria ação, pelo próprio fazer. Ele, o sujeito, o homem, deste modo, está sempre *fora*, sub- e pré-jacente (justo por isso *sujeito*) e, assim, intocável e impermeável *a*, intransformável pela própria ação, atividade.

Este modo de ser, esta compreensão moderna da ação, do fazer, se apropria, se apodera da *mão, isto é*, do homem, e neste enredo surge, faz-se a técnica moderna, a tecnologia. A tecnologia é a vigência, a predominância deste *lógos*, ou seja, da autonomia do sujeito, se apoderando da *téchne*, isto é, da *mão* (ação) que o homem é. Por excelência, obra *desta* mão é a máquina, a máquina moderna, em todas as suas configurações, modelos, formas e usos ou aplicações. O mundo técnico-contemporâneo, a civilização tecno-científica ou a era da razão técnica, é caracterizada pela forma, pela estrutura da ação encarnada, corporizada na máquina, quer dizer, na mão moderno-contemporânea.

O ápice desta ação, deste fazer ou atividade somos nós, aqui e agora, na hora da vigência, da dominação, melhor, da pré-dominância da civilização tecno-científica, da mão-máquina, na qual tudo, toda e qualquer coisa (ente, real) ou realidade é técnica, ou seja, é obra, é produto técnico. E isto, este modo de ser, vai devidamente preparado, conduzido, assessorado por uma ideologia, ou seja, por um pré-conceito promotor (= ideologia), de uso, de consumo, de interminável uso e consumo. *Mais* uso, *mais* consumo, *mais* produção; *mais* produção, *mais* uso, *mais* consumo; *mais... mais...* No entanto, uso, consumo, produção, técnica moderno-contemporânea e capitalismo, no fundo, são uma só e mesma estrutura, a dominação, a predominância de uma só e mesma forma ou gênese, a saber, a voragem, a gula, a grima, a sanha ou a *hybris*, que é a vontade de reforma, de correção e, enfim, de substituição de todo o real, de toda a vida, a partir da vontade de in-finito. Isso, justo isso é a sanha, a *hybris*. A vontade desenfreada, a necessidade compulsiva de reforma, de correção e, enfim, de substituição total de toda a vida, de toda a existência, se impõe a partir do momento em que vida (ou existência) se mostra in-suficiente; essencial, constitutivamente e indevidamente pouca, isto é, marcada por *limite* (entendido e ouvido como *limitação*) e, *então* (logo! *ergo!*), tal como *não podia, tal não devia* ser. Tal imposição se faz a partir da evidência (?!), segundo a qual a vida finita é *pouca e menos* do que podia, do que devia ser. Tal *dever ser* já é obra da insurreição, da revolta (*l'homme révolté*) contra o finito, contra o pouco de vida ou de existência, ou seja, já a pré-dominância da vontade de in-finito ou, o que é a mesma coisa, o in-finito como o *bom*, o *verdadeiro*, a *meta*. A vigência ou a

dominação de tal revolta, a sua silenciosa ou calada pré-dominância, é que põe a evidência, à qual nos referimos acima. Assim, a medida passa a ser o i-limitado, o infinito — estes como o horizonte do viver, do existir, isto é, da ação ou da atividade que o viver ou o existir é.

No pico, no auge da vigência deste modo de ser-fazer estamos e somos nós. Nós, os contemporâneos e coetâneos. Isso não quer dizer que este modo de ser (movido e promovido por *hybris*, na forma da subjetividade e do voluntarismo modernos) já tenha, ele mesmo, atingido o seu ápice, a sua saturação. Ápice e saturação estão falando do completo desdobramento e concretização/realização das possibilidades deste modo de ser-fazer. Não, isso, de falar *se* atingiu ou *se não* atingiu tal ápice, nós não podemos prever, anunciar. Dizer que aqui e agora estamos e somos é tão só dizer que esta é nossa hora, que este é nosso tempo. Tempo e hora, porque nossos, irrevogáveis, intransferíveis. Com isso temos de lidar, com isso precisamos nos confrontar, para sermos o homem, a época que somos. Em sendo nosso tempo, nossa hora, nossa época é este e só este o nosso real: a técnica, a tecno-ciência, a tecnologia ou *a mão* (ação, atividade), que somos.

4. Em tempos de técnica moderna, de tecnologia, impera a ação in-essencial, qual seja, a ação (o fazer) caracterizada(o) pelo predomínio do sujeito, isto é, pela autoria, pela causa. A ação arquetípica é, pois, a forma, a *voz* ativa. Por isso, predomina também a forma, a *voz* passiva. E o sujeito ou o agente (a causa) exemplar, nestes tempos, é a máquina. A máquina, sobretudo a máquina, assume o lugar do sujeito. Melhor formulado: na época moderna, nos tempos da tecno-ciência, o sujeito atua, opera sob a forma da máquina, como máquina. O sujeito se concretiza como máquina. Máquina em todas as suas formas, manifestações, configurações, usos, aplicações. Ou seja, desde a inocente bicicleta até o computador, o robô submarino, o míssil nuclear ou a cápsula, a sonda espacial vasculhando, *escaneando* Saturno.

Em conluio com o consumismo (portanto, com o consumir e não com o consumir, de *con-sumação*) domina, predomina a ação voraz, a atividade compulsiva *do mais, do mais e mais*. E, neste quadro, tudo *pode* ser feito, tudo é factível, produtivo. Com a máquina, sendo para ela transferida a obrigação, isto é, o *peso*, o *fardo* do fazer, do trabalho (a tortura, o *tripallium*) — assim, com isso, o homem afasta-se mais, desinteressa-se, *desobriga-se* do fazer. Diz-se: isso é bom, é muito bom. Há tempo,

sobra tempo para o ócio... Ou, no fundo, no fundo, ouvindo-se e entreouvindo-se longe e para longe, para trás e para frente, ecoará nesta desobrigação algo até pavoroso?! Pois o homem afastando-se, desinteressando-se do fazer, de *todo e qualquer* fazer (pois isso é a meta, o propósito), afasta-se de si, de sua essência ou constituição própria, uma vez que ser homem é ser ação, atividade (história!), em suma, é ser fazer — o fazer que é o afazer homem vir a ser homem, realizar ou concretizar sua hominidade, seu *ser*. O afazer ou a tarefa de vir a ser no fazer, pelo fazer, graças (por obra e graça de!) ao fazer. O homem, e só o homem, é a necessidade de ser fazer, de ser atividade, de ser auto-fazer-se no e desde o fazer, graças ao fazer. Assim cumpre-se sua essência, seu destino histórico. Isso, este modo de ser, é o que põe e impõe sua natureza de *queda*, de *decadência ou de facticidade*, isto é, de sua súbita, i-mediata, irrevogável e intransferível irrupção *como limite ou finitude*.

Já houve quem assim definisse a técnica: “O esforço para economizar esforço”⁷. A definição é arguta, sagaz. Ela ganha ainda mais força se ouvida desde a dimensão, na qual o esforço, o trabalho, é maldito. Onde ele se mostra como punição e expiação. Aí, neste âmbito, a definição referida ganha mais força e mesmo muito de fatalidade e de fatalismo. Pois, se se imagina a técnica cumprindo, satisfazendo e mesmo locupletando o propósito encerrado nesta definição e caracterização — economizar esforço — , então, *acaba* o homem, isto é, ele é extinto, pois a meta, o ideal (no caso, *técnico*) é acabar, é extinguir o esforço, isto é, a ação, a atividade, o *trabalho*. A cobra se come pela cauda... Acaba, desaparece o homem, uma vez que desapareceria, seria extinta a condição, a *única* condição (a *sine qua non*), a partir da qual o homem é homem, *pode* vir a ser homem, a saber, a ação, o esforço, a atividade — sim, o *trabalho*.

No mito da queda (*Gênesis*, 3), na hora em que o homem, tendo comido da árvore do conhecimento, abre os olhos, se vê nu, *nasce para a morte*, aí, então, ele ouve também de *Deus*, isto é, de *transcendência*, a fala: “Agora comerás o pão com o suor da tua frente”. Esta fala, sempre vista e ouvida como maldição e punição, precisa ser ouvida e vista como a *redenção* do homem, sua *salvação*, ou seja, ao ouvi-la, o homem, ao invés de deprimir-se, chorar e ranger dentes, isto é, ao invés de submeter-se ao peso insuportável da maldição, da punição e da expiação, precisa *alegrar-se, rejubilar-se* e, desde um grande e entornado riso, responder a este ditame de *transcendência*: “Muito obrigado! Muito obrigado! Nunca ouvi nada mais divino, nada mais sagrado — nada

⁷ Cf. Gasset, O. y, *Meditacion de la técnica*. Madrid: Alianza Editorial, 1998, cap. III, pp. 39-44.

mais *redentor e salvífico*! Só agora, assim, no e desde o esforço, *trabalho*, ação, atividade — só agora e assim posso ser, vir a ser e realmente tornar-me isso que sou, *que só posso ser*, a saber, *homem*. Só agora, assim, no e desde o esforço (ação, atividade, drama, *história*), me é dada a liberdade para liberar ou libertar e assim realizar ou concretizar o próprio, a identidade que sou, a saber, *homem*, que é ser-fazer a possibilidade de ser e de cumprir (realizar, concretizar) uma possibilidade em fazendo, em agindo, em vivendo, isto é, no, desde e como esforço; no, desde e como *o suor da própria testa*". Nesta resposta, neste *adendo* ou *errata*, há uma virada, uma *metanóia*. Tal resposta é possível, se faz, cresce e aparece desde uma virada, desde uma *metanóia*.

Estranho, mas como meta, como propósito ou *ideal* remoto e recôndito, a máquina, a super-máquina, o computador, o mundo virtual está empenhado(a) em acabar, em abolir, ou seja, em *extinguir* este homem (teria ele sido *mal feito*?! Precisaria ele ser *des-feito*?!), isto é, o homem, pois só há, só pode haver ou existir *este* homem. Não se trata de abolir, de extinguir o homem — isso já é querer o im-possível, o que é o extremo da presunção, da *hybris* — , mas de conquistar, de re-conquistar a *essência* da ação, isto é, a *essência* do homem, que é ação, atividade, *história*. Aí e assim, alegria, inocência — *per-feição*. Perfeição no *pouco*, no finito — *como* finito, *como* pouco.